

A ORGANIZAÇÃO INTERATIVA NO GÊNERO ENTREVISTA: UMA ABORDAGEM HETEROGÊNEA SOBRE AS PRÁTICAS DISCURSIVAS E SOCIAIS

Neusa Inês Philippsen¹



Resumo: Nosso objetivo neste artigo, que se filia à *Linguística Aplicada*, à *Sociolinguística Interacionista* e à *Análise Dialógica do Discurso*, é averiguar o processo interacional e dinâmico de construção de significados em um contexto institucional, o jornal, como o espaço selecionado para a investigação da linguagem “em ação”. O gênero escolhido é uma entrevista, que traz como estrutura tópica o assunto atividade madeireira na região norte-mato-grossense.

Palavras-chave: jornal, entrevista, processo interacional, atividade madeireira e crise ambiental

Abstract: Our aim in this article, that integrates the *Applied Linguistics*, the *Interactive Sociolinguistics* and the *Speech Dialogical Analysis* is to inquire the interacional and dynamic process of construction of meanings in an institutional context, the periodical, as the space selected for the inquiry of the language “in action”. The chosen genre is an interview, that brings as topic structure the subject of the wood activity in the region north of Mato Grosso.

Keywords: periodical, interview, interacional process, wood activity and ambient crisis

Primeiros apontamentos: enfoque interativo sobre as práticas discursivas e a atividade humana

Seres heterogêneos que somos e integrantes da vida contemporânea, convivemos, paralelamente, apoiados em pilares de tradição e com novos modelos de pensar a vida social, bem como diversos modos de pensar o sujeito e sobre o sujeito nas Ciências Humanas e Sociais. Para acompanharmos as novas tendências que se evidenciam é preciso apreender a linguagem não mais como representativa da vida social, mas como práticas discursivas que constituem as atividades humanas.

Desse modo, para entendermos os processos das especificidades discursivas, torna-se imprescindível analisar as divergentes situações em que a linguagem e as diferentes atividades se entrecruzam, deixando entrever que a espessura dialógica do discurso está sempre vinculada às práticas sociais.

Como embasamento teórico para este artigo, fundamentamo-nos na *Sociolinguística Interacionista* para abordarmos a noção de contexto local e situacional (análise micro) e a *Análise Dialógica do Discurso* quando verificarmos os traços contextuais que provêm de informações sócio-históricas (análise macro). Aqui, ancoramo-nos em Gumperz (2002) que nos propõe que, ao participarmos de uma interação, sempre nos

utilizamos de pistas de contextualização que podem nos remeter tanto para as informações contextuais micro (sócio-interacional, pessoal) quanto macro (histórico, institucional). É importante também ressaltar, ainda segundo Gumperz, que a linguagem, parte constitutiva do contexto social, fundamenta-se na interação humana e os significados e as próprias estruturas evoluem no decorrer do curso da interação.

Procurando, ainda, compreender o vínculo entre linguagem e mundo social que, inclusive, é arcabouço teórico de várias disciplinas (*Sociologia*, *Linguística Aplicada*, *Antropologia*, *Estudos Culturais*), vamos nos ater ao processo interacional e dinâmico de construção de significados, especificamente em um contexto institucional, o jornal, como o espaço selecionado para a investigação da linguagem “em ação”. O gênero escolhido é uma entrevista, que traz como estrutura tópica o espaço discursivo da atividade madeireira, levando em conta fatores fundamentais para a nossa análise, como: a situação, os aspectos sociais, históricos, institucionais, as estratégias de adaptações dos interlocutores, os pressupostos e conseqüências da interação, marcas de alteridade.

Para atribuímos mais significado ao gênero em questão, apoiamo-nos em Sant’Anna quanto à caracterização de entrevista:

A entrevista caracteriza-se, segundo nosso ponto de vista, como a forma mais explícita do



efeito da restituição exata das palavras atribuídas ao outro, garantindo a fonte como verdadeira e crível. Sua estruturação anuncia de forma clara tal pretensão, na nítida separação entre pergunta e resposta, cabendo aos recursos tipográficos um papel fundamental nessa organização. Recupera-se, assim, não só a voz do outro, como também todo um efeito da situação de enunciação entre jornalista e entrevistado, como se a entrevista estivesse ocorrendo naquele momento. (SANT'ANNA, 2004, p.175).

O enfoque principal deste artigo, assim, volta-se para uma dimensão dialógica interlocutiva, em que “o questionamento se concretiza no encontro do discurso-resposta do outro” (RICHARD-ZAPPELLA, 2002, p. 225). Dessa maneira, formulamos questões norteadoras para a seqüência das análises, tais como: Se o jornal é de natureza institucional, normativo e coercitivo, o papel dos interlocutores (entrevistador-entrevistado) reduz-se apenas ao prescrito no interior da atividade autorizada? Como o entrevistado coloca, em palavras, a realidade por ele vivida e conhecida para atender os propósitos da instituição e do co-enunciador-leitor, que nem sempre domina a linguagem hermética dos campos científicos tematizados?

Ao procurarmos lançar possibilidades de compreensão às questões formuladas acima, utilizamos as reflexões de Richard-Zappella, quando afirma que: “A colocação em palavras da realidade por meio da pergunta não ressoa do mesmo modo entre todos os entrevistados. O conjunto dessas diferenças leva o entrevistador a estabelecer um determinado número de estratégias de adaptações relacionadas às modalidades, às instruções do trabalho prescrito” (p.226). Assim, parte-se do princípio de que não há posições prescritas cristalizadas e que, mesmo que os formatos institucionais (pergunta-resposta) sejam utilizados, a interação é “construída, desconstruída e reconstruída por meio da troca em uma dialética do mesmo e do outro” (p. 226).

Desse modo, no momento mesmo em que os atores interagem, utilizam-se de processos discursivos heterogêneos que permitem não só atualizar enunciados anteriores, mas revelar as competências discursivas do entrevistador-jornalista e do entrevistado, numa dinâmica de negociações de sentido, sem esquecer de levar em conta a idéia de co-enunciador e da própria interação.

Fragmentos de entrevista: base de análise

A entrevista escolhida para a análise encontra-se no jornal *Diário Regional*², na seção “Entrevista”, especialmente ocupando toda a página da seção. No topo da página há a informação da estrutura tópica *negócios da madeira* que serve, também, como referente ao próprio título *A atividade pode ser eterna*. A matéria é assinada por Onofre Ribeiro e apresenta o informe ‘matéria especial’. Antes do jogo interacional, com estrutura de turno (pedido de informação seguido de uma resposta), é apresentado um breve histórico do entrevistado Paulo Pereira Fiúza. Atribui-se a ele a função da vice-presidência da Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso e também são enumeradas algumas de suas atividades empresariais, como: proprietário de uma unidade industrial, a Condor (madeireira), investimentos em agropecuária e é apontado como um dos responsáveis pela construção e futuras instalações do Shopping Center Aruanã, todos estes empreendimentos situados na cidade de Sinop, na região norte mato-grossense, dados esses que conferem ao entrevistado a legitimidade e credibilidade de falar em nome do setor madeireiro desta região.

Diário Regional (DR): Entrevista com Paulo Pereira Fiúza

Título: A atividade pode ser eterna (28 e 29³ de agosto de 2005, p.08)

1DR - Sendo empresário da área madeireira, como o senhor avalia toda essa crise ambiental do setor, em Mato Grosso?

2Paulo Fiúza – É um momento importante de transição. Há dois anos já estão ocorrendo mudanças diferenciadas na política ambiental por parte dos governos estadual e federal. Esperamos que a curto e, no máximo, médio prazo mude radicalmente o setor de base florestal com vistas ao seu desenvolvimento efetivo.

3DR – Esse confronto ambiental era inevitável?

4Paulo Fiúza – Tinha de acontecer o que aconteceu e veio na hora boa. Já estávamos esperando, até bem antes. O Estado tinha posição de dúvidas de pegar para si a responsabilidade⁴ total do meio ambiente⁵ e a Operação desencadeada veio em benefício de todo o setor madeireiro e do Estado. O setor madeireiro não é

responsável pelo desmatamento.

5DR – Em recente pesquisa encomendada pelo governo estadual os madeireiros aparecem como os responsáveis pelo desmatamento. É um estigma?

6Paulo Fiúza – Tem-se a informação globalizada que o Brasil destrói as suas florestas. Não é bem assim. O madeireiro que veio do sul, lá ele fez exploração florestal tão irracional que chegou a desertificar regiões do Paraná, hoje recuperadas. Aqui, no Mato Grosso, não foi diferente. Os madeireiros vieram pela madeira, mas viram que podiam investir na pecuária e na agricultura. No início tiravam a madeira de forma descontrolada, ao contrário de hoje, com manejo sustentável⁶. Daí o estigma. A verdade é: salve a floresta, salve o madeireiro. O segmento quer que a floresta fique em pé.

7DR – O que mudou na ação dos madeireiros?

8Paulo Fiúza – Os projetos de manejo sustentável deverão ser obrigatórios em todas as propriedades e vão mudar muito a imagem do madeireiro como destruidor de floresta.

9DR – Em Mato Grosso faltam programas para a madeira?

10Paulo Fiúza – O mundo tem nos censurado. Estamos certos de que haverá uma grande mudança sobre o meio ambiente. É o momento do Estado valorizar esse segmento, o segundo na pauta de exportações. Vamos ter acertos ambientais e na exploração florestal racional. É hora de se pensar em incentivos e de buscar mercados para a nossa madeira.

11DR – Há possibilidades de joint ventures⁷ no setor?

12Paulo Fiúza – Tem havido empresas asiáticas e européias interessadas, mas o entrave é a falta de uma política florestal definida, amarrada pela Medida Provisória 2.166, há 9 anos no Congresso Nacional e não foi votada. É preciso certeza de que não haverá mudanças na política ambiental.

13DR – É o caminho?

14Paulo Fiúza – Já houve grupos japoneses e chineses que mantêm sociedades só na compra de madeira. Eles querem investir para produzir no Brasil e evitar intermediações para a venda a outros mercados. Isso abriria enormes portas para o setor madeireiro em investimentos e tecnologia.

15DR – Mato Grosso poderia se tornar um pólo industrial madeireiro abrangente?

16Paulo Fiúza – Com incentivos e com política ambiental definida claro que sim. Já existe o

interesse de grandes centros moveleiros do Sul do país de se instalarem em Mato Grosso por causa da economia de impostos, de fretes etc. Deveria haver esforço público para atrair as indústrias que já compram a madeira daqui, de empresas cuja produção vai quase toda para o Sul. Vão móveis desmontados e que lá tais indústrias fazem muito pouco na madeira, como pintar e envernizar. O momento é oportuno para Mato Grosso desenvolver o seu setor madeireiro com agregação de valores.

Para a análise local seguimos algumas indicações de Coulthard (1980), que nos chama a atenção para alguns tópicos importantes para a identificação do gênero entrevista, tais como: o entrevistador-jornalista, autorizado pelo jornal *Diário Regional*, indaga e o administrador de empresas e vice-presidente das Indústrias no Estado de Mato Grosso responde, caracterizado pelo esquema obrigatório pergunta-resposta. Segue-se, assim, a estrutura de turno já mencionada e há como identificar a estrutura tópica do discurso (a temática gira em torno da crise madeireira e de suas conseqüências para a Região norte mato-grossense), bem como verificar que quem introduz, detém o controle, confronta e reorienta as questões discursivo-enunciativas é o entrevistador-jornalista.

O trabalho dos atores demonstra que ambos detêm o saber da linguagem hermética, dos campos da Economia e da Política, que se fazem necessários para a construção de uma rede semântica que preencha os sentidos exigidos para os espaços discursivos da atividade madeireira. E, da mesma maneira, ambos pressupõem que os co-enunciadores-leitores (que fazem parte do espaço de circulação do Jornal) dominam e compartilham as posições enunciativas emitidas por esses interlocutores, ao menos em sua generalidade, levando em conta que tais atores são fontes autorizadas e legítimas para trazerem, à mídia impressa, essas informações que, a priori, são verdadeiras e críveis.

Após verificarmos aspectos do contexto local, constatamos que há uma linha muito tênue entre estes aspectos e os desdobramentos sócio-históricos, aos quais nos ateremos um pouco mais. Algumas questões são importantes para a apreensão das pistas de contextualização e marcas discursivas (locais) que nos interessam para a análise, tais como: Por que a instituição, empresa jornal, dedicou uma página toda a esta estrutura

tópica e ao gênero entrevista? Quais os pressupostos (antecedentes discursivos) reatualizados e as possíveis conseqüências dessa interação semântica? Esse discurso institucional pode exercer que tipo de influência junto ao co-enunciador-leitor? Como ocorrem as estratégias de adaptações relacionadas às instruções do trabalho prescrito?

Iniciamos essas reflexões com o auxílio de Mariani (1998, p. 27-28):

Deve-se ter em vista que significar, do ponto de vista discursivo, é mais do que referir ou designar coisas ou manifestar as intenções [...] Trata-se de um processo que tem sua materialidade na ordem do discurso ao conjugar posições enunciativas e história, ambas inseparavelmente em movimento. E mais, tal movimento resulta da tensão entre o mesmo e o diferente, tensão que coloca a linguagem em funcionamento no processo de produção de sentidos. É um processo que envolve, para além das formas de produção de sentidos nas relações sociais imediatas (relações de força de uma dada formação social), os sentidos anteriores, os conflitos existentes e o “futuro” do processo significativo.

Assim, um dos pressupostos que antecede o momento específico da entrevista é a crise ambiental e sócio-econômica que se instaura na Região norte mato-grossense após a deflagração da Operação Curupira, no final do primeiro semestre de 2005. É este, inclusive, o primeiro enquadre da interação que inicia a estrutura tópica que será tecida, intrincada, emoldurada durante todo o fio discursivo e construída cooperativamente entre os interlocutores.

Desse modo, o assunto “crise no setor madeireiro” passa a ser recorrente entre os habitantes do espaço geográfico norte mato-grossense, visto que a atividade em questão é uma das maiores fontes econômica e geradora de empregos deste espaço. Assim, explica-se, também, o fato do jornal ter dedicado uma página toda ao gênero entrevista e à estrutura tópica descrita. O momento de crise afeta grande parte das cidades e comunidades desta região, o que faz com que a população exija respostas, exija, também, que medidas sejam tomadas e caminhos sejam apontados para a superação deste “momento” de crise, ocasionado, principalmente, pelo desemprego e pela falência de muitas empresas madeireiras.

Isso também é um indício de que o co-enunciador-leitor não necessariamente seja apenas aquele que domina a complexa linguagem da economia e da política, mas que, de algum modo, compartilhe a ‘crise’ com todo o grupo que sofre as conseqüências da falta de uma “política florestal definida” e de projetos eficientes. Tais projetos devem visar não só a recuperar e respeitar o meio ambiente, mas também estimular o crescimento industrial com o aproveitamento máximo da madeira, bem como propiciar alternativas que busquem recursos e tragam novamente o progresso para a região.

Assim, observamos que na fala heterogênea de Paulo Fiúza, há diferentes vozes que são trazidas ao intradiscorso, entre elas as de empresários da área madeireira, dos governos estadual e federal, da Operação Curupira (intertexto⁹), de uma pesquisa encomendada pelo governo estadual (intertexto), da informação globalizada, do madeireiro do Sul, dos projetos de manejo sustentável (intertexto), do mundo, de empresas asiáticas e européias, de uma política florestal definida (intertexto), de grupos japoneses e chineses, de grandes centros moveleiros do Sul do país, das indústrias que já compram a madeira daqui.

Tais vozes são utilizadas para dar credibilidade e verdade às informações trazidas por Fiúza e apresentadas aos leitores, principalmente por meio do intertexto, enfatizando que a crise é passageira e deve ser sanada, pois não só a região norte mato-grossense quer soluções e mudanças, mas o ‘mundo’, por intermédio da ‘informação globalizada’, tem exigido alterações ambientais com relação ao indiscriminado desmatamento na Região Amazônica e tem imposto restrições e sanções à exportação dos produtos da madeira.

O empresário acrescenta, ainda, que o momento é oportuno para uma política ambiental, fomento e agregação de valores e, inserindo-se na voz do empresário madeireiro, como nos exemplos “já estávamos esperando, até bem antes” e “o setor madeireiro não é responsável pelo desmatamento”, defende e isenta o madeireiro da responsabilidade do desmatamento exacerbado, grande pilar gerador da crise e das grandes discussões ambientais, nacionais e internacionais.

Ao argumentar em favor do setor madeireiro, no entanto, o empresário não apresenta outro (s) responsável (eis) pelo confronto ambiental. Quem, então, seriam os verdadeiros culpados pelo

desencadear da crise? Se o madeireiro do Sul percebeu que a pecuária e a agricultura eram lucrativas, então, será que ele investiu ou está investindo em manejo sustentável? Se ele (o madeireiro do Sul) e todos os demais madeireiros estivessem realmente investindo em manejo sustentável, será que a crise teria alcançado estes patamares e continuaria sem solução? E, ainda, por que, segundo Fiúza, o confronto ambiental tinha de acontecer? Será que o Estado sozinho pode se responsabilizar por todos os atos ambientais e resolver todas as suas irregularidades? Não seria generalizado demais afirmar que o segmento (madeireiro) quer que a floresta fique de pé?

Diante de tantas polêmicas que envolvem a estrutura tópica, é difícil perceber possibilidades reais de melhoria para o setor e para a economia da região norte mato-grossense. A morosidade das negociações políticas (estaduais e federais), a burocracia e incompetência de órgãos responsáveis, como o Ibama, não trazem expectativas e soluções efetivas para a atividade madeireira, o que tem refletido imediatamente na classe trabalhadora. Com desempregados em massa, a região sofre este reflexo no comércio local e a estagnação econômica é visível em muitos setores.

Um dos momentos mais evidentes de estratégia de adaptação ao trabalho prescrito na entrevista aparece quando o entrevistador-jornalista questiona a afirmação do empresário de que o setor madeireiro não seria o responsável pelo desmatamento e acrescenta uma pergunta, baseada num intertexto de pesquisa, encomendada pelo governo estadual. Tal estratégia valida ainda mais a pergunta por trazê-la ao campo das certezas técnicas. O confronto entre entrevistador/entrevistado faz com que o entrevistado traga à sua argumentação, inclusive, as “informações globalizadas”, mas para invalidá-las, afirmando que essas informações estão equivocadas: “não é bem assim”, apontando como justificativa a utilização do manejo sustentável e, portanto, retirando do madeireiro a responsabilidade pela crise.

Desta maneira, pode-se afirmar que o entrevistado responde aos propósitos das instituições das quais ele é o representante maior, autoridade legitimada, bem como mantém o processo interativo com estrutura de turno sugerido pelo gênero entrevista. Utiliza-se, também, nesta

situação de interação, da heterogeneidade discursiva e de estratégias de adaptação que permitiram atualizar enunciados referentes à prática social abordada neste texto.

No entanto, para o co-enunciador-leitor resta saber se algum nome ou instituição ainda será apresentado, futuramente, como desencadeador dos momentos de grande instabilidade em que vivem os habitantes e trabalhadores da região norte do Centro-Oeste do país e que providências serão realmente tomadas para que a crise seja superada. Respostas e propósitos que devem ser oferecidos com vistas ao desenvolvimento sócio-econômico desta Região, ainda tão pouco favorecida por políticas federais. É o que espera¹⁰ toda essa gente - leitores do Jornal e migrante¹⁰ de outros estados em busca de ascensão social - e que começa agora a perder a esperança nesta terra que lhes parecia tão promissora.

À guisa de conclusão

Após as rápidas considerações locais e sócio-históricas, é possível voltarmos aos primeiros apontamentos deste texto, novos modos de pensar a vida social urgem e se estabelecem no processo das interações humanas. As práticas sociais e as atividades precisam constantemente ser confrontadas, problematizadas e re-atualizadas na e pela linguagem, para atenderem às necessidades sócio-econômicas das micro ou macro-culturas abrangentes pela especificidade de determinadas atividades.

Com base no referencial analítico abordado e nas reflexões suscitadas no decorrer deste texto, pudemos verificar que interlocutores, em interação, negociam incessantemente relações interpessoais. E, são estas negociações, que resultam na constituição dos principais elementos necessários para a compreensão do processo de funcionamento de como construímos e somos construídos pelas ‘ações’ da linguagem na vida social.

Assim, a dimensão dialógica, concretizada nas interações discurso-resposta dos enunciadores da empresa jornal apresentada, manifesta efeitos de sentido que procuram minimizar a crise no setor madeireiro que se estende pela Amazônia legal norte mato-grossense, utilizando-se da heterogeneidade discursiva para legitimar influências e interferências na vida social contemporânea dessa comunidade discursiva.

Portanto, ao apontarmos a dinâmica de negociações de sentido do entrevistador-jornalista e entrevistado, foi-nos possível não apenas verificar o processo interacional da linguagem “em ação”, mas constatar que a mídia impressa participa do processo de integração regional e é um espaço primordial de circulação e reforço de sentido de práticas sócio-econômicas.

1- Mestre em Estudos de Linguagem, na área de concentração “Estudos Lingüísticos”, pela Universidade Federal de Mato Grosso. Docente do curso de Letras na Unemat, área, Lingüística.

1- Esta terminologia, em consonância com as investigações locais de Coulthard (1980), refere-se ao assunto principal de uma dada interação, ou seja, especificamente ao que se está falando no momento mesmo da interação.

2- O jornal *Diário Regional* é um dos jornais com maior circulação na Região norte mato-grossense. Atende desde Nova Mutum até Guarantã do Norte. Sua sede localiza-se na cidade de Sinop, mas conta ainda com três sucursais: Sorriso, Matupá (abrange o Vale do Peixoto – extremo Norte) e Cuiabá.

3- A circulação do referido Jornal é diária, exceto às segundas-feiras. Porém, estrategicamente na edição de domingo cresce-se a data que corresponde às segundas.

4- Referência à transferência das atribuições legais de competência do órgão ambiental Ibama para a responsabilidade do Estado, especificamente para a SEMA (Secretaria Estadual de Meio Ambiente).

5- A Operação Curupira foi deflagrada no final do primeiro semestre de 2005. Nessa operação, a Polícia Federal prendeu 102 pessoas – entre madeireiros, fiscais do Ibama e outros funcionários públicos – acusados pela devastação de quase 2 milhões de metros cúbicos de árvores em troca de propina e lucro fácil. Mais informações sobre essa operação poderão ser encontradas em Rizek (2005).

6- Manejo sustentável é uma prática alternativa de extrair produtos da floresta sem destruí-la, ou seja, é uma maneira de explorar a floresta e garantir a confecção de produtos da madeira de forma “economicamente sustentável”, de acordo com as leis trabalhistas, ambientais e às questões sociais do país.

7- A *joint venture* é um modelo estratégico de parceria empresarial (formas associativas) e

amplamente utilizado no contexto econômico atual, inclusive nas estratégias de internacionalização de grupos econômicos. Este modelo surge principalmente com a consolidação dos blocos econômicos, tais como o Mercosul.

8- A noção de enquadre (TANNEN; WALLAT, 1987) refere-se ao que está sendo construído cooperativamente a cada momento do processo interativo.

9- Optamos por adotar o intertexto como forma de recuperar o dito, por outras vozes, em outros contextos enunciativos, bastante presente na constituição desse gênero entrevista. Para a identificação do intertexto, apoiamos-nos em Sant’Anna (2004, p. 179), que o utiliza como recurso de apoio para a apresentação de “números, estatísticas, conteúdos de leis e acordos, com alguma ação podendo ser-lhe atribuída.”

10- A ocupação da região norte mato-grossense foi uma das últimas a ocorrer no estado de Mato Grosso. Apenas em 1970, movida pelo empreendedorismo de uma empresa colonizadora, denominada Colonizadora Sinop (Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná) é que importantes cidades são fundadas (Sinop, Vera, Santa Carmem, Claudia) inicialmente com a implantação da Gleba Celeste. Com a instalação dessas cidades planejadas e iniciativas do governo federal, como a construção da BR-163, os migrantes, oriundos em sua maioria do Sul do país, começaram a se instalar nesta região.

Aceito para publicação em 24/10/2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A ATIVIDADE pode ser eterna. *Diário Regional*, n. 0601, Sinop, ago 2005.

COULTHARD, M. *An introduction to Discourse Analysis*. London: Longman, 1980.

GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. (Eds.). *Sociolingüística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 149-182.

MARIANI, Bethânia. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998.

RICHARD-ZAPPELLA, Jeannine. *A pulsão comunicativa: jogos e desafios no questionamento*



entre entrevistador-entrevistado. In: SOUZA E SILVA, M. C. P.; FAÏTA, D. *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002. p.223-235.

RIZEK, André. Ratos e, agora, cupins. *Veja*, São Paulo, ed. 1908, n.23, p. 120-124, 2005.

ROCHA, D.; DAHER, M. e SANT'ANNA, V. Entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva. *Polifonia*, Cuiabá, v.1, n.8, p.161-180, 2004.

SANT'ANNA, Vera Lúcia de Albuquerque. *O trabalho em notícias sobre o Mercosul: heterogeneidade enunciativa e noção de objetividade*. São Paulo: EDUC, 2004.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Interactive frames and knowledge schemas in interaction. In: TANNEN, D. *Framing in discourse*. New York: Oxford University Press, 1987. p.183-214.

